

**O CULTO E A ICONOGRAFIA DE SÃO JOÃO MARCOS, DE BRAGA,  
EM PORTUGAL E NO BRASIL**

***THE WORSHIP AND ICONOGRAPHY OF SAINT JOHN MARK, FROM BRAGA,  
IN PORTUGAL AND BRAZIL***

***EL CULTO Y LA ICONOGRAFÍA DE SAN JUAN MARCUS, DE BRAGA,  
EN PORTUGAL Y BRASIL***

**Eduardo Duarte<sup>1</sup>**

**RESUMO**

A figura de São João Marcos é, a vários títulos, notável. Descoberto e identificado em Braga o seu corpo e as respetivas relíquias no século XVII, foi, segundo a hagiografia portuguesa, um dos personagens que surgem nos *Atos dos Apóstolos*, discípulo de Cristo e seus pais donos do Cenáculo, em Jerusalém. A devoção ao santo em Braga expandiu-se, sobretudo a partir de inícios do século XVIII, quando se organizou a trasladação para o seu novo túmulo. Este, como a igreja onde está o seu corpo, revela características iconográficas e simbólicas ligadas à ideia de templo-mausoléu, sendo ainda hoje um dos templos mais marcantes de Braga, cidade fundada por Augusto, capital do reino dos Suevos e sede de um importante arquiépiscopado português. O culto de São João Marcos passou igualmente para o Brasil, encontrando-se aí esculturas e traços impressionantes dessa devoção, levada naturalmente por portugueses devotos do santo da província do Minho.

**Palavras-chave:** São João Marcos; Culto; Iconografia; Braga (Portugal); Brasil.

**ABSTRACT**

Saint John Mark is, in several titles, remarkable. Discovered and identified in Braga, his body and the respective relics in the 17th century, he was, according to Portuguese hagiography, one of the characters that appear in the Acts of the Apostles, disciple of Christ, and his parents, owners of the Upper Room in Jerusalem. The devotion to the saint in Braga was intense, especially from the beginning of the 18th century, when the transfer to his new tomb was organized. This, like the church where his body is, reveals iconographic and symbolic characteristics linked to the idea of temple-mausoleum, and is still one of the most striking temples in Braga, city founded by Augustus, capital of the kingdom of the Suebi and seat of an important archbishopate Portuguese. The cult of Saint João Marcos also spread to Brazil, with sculptures and impressive traces of this devotion, naturally carried by Portuguese devotees of the saint from the province of Minho.

**Keywords:** Saint John Mark; Worship; Iconography; Braga (Portugal); Brazil.

**RESUMEN**

La figura de San Juan Marcus es, en varios títulos, destacable. Descubierta e identificado en Braga, su cuerpo y las respectivas reliquias en el siglo XVII, fue, según la hagiografía portuguesa, uno de los personajes que aparecen en los Hechos de los Apóstoles, discípulo de Cristo, y sus padres, dueños del Cenáculo, en Jerusalén. La devoción al santo en Braga fue intensa, especialmente desde principios del siglo XVIII, cuando se organizó el traslado a su nueva tumba. Éste, al igual que la iglesia donde se encuentra su cuerpo, revela características iconográficas y simbólicas ligadas a la idea de templo-mausoleo, y sigue siendo uno de los templos más llamativos de Braga, ciudad fundada por Augusto, capital del reino de los suevos. y sede de un importante arquiépiscopado português. El culto a San João Marcos también se extendió a Brasil, con esculturas e huellas de esta devoción, naturalmente llevada por portugueses devotos del santo de la provincia del Minho.

**Palabras clave:** San Juan Marcus; Culto; Iconografía; Braga (Portugal); Brasil.

**INTRODUÇÃO**

A cidade de Braga, em Portugal, foi fundada pelo imperador César Augusto, em 16 a.C., e denominada Bracara Augusta em honra do seu fundador (BRAGA - HISTÓRIA E PATRIMÓNIO). Exatamente por isso, em 2017, a Câmara Municipal de Braga (Prefeitura) inaugurou uma cópia<sup>2</sup> da célebre estátua de *Augusto de Prima Porta* (BRAGA INAUGUROU ESTÁTUA

---

<sup>1</sup> Professor e Diretor do Departamento de Ciências da Arte e do Património da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Licenciado em Design de Equipamento, Mestre em História da Arte e Doutor em Belas-Artes, Especialidade de Ciências da Arte. E-mail: e.duarte@belasartes.ulisboa.pt. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7429-5604>.

DE CÉSAR AUGUSTO). A homenagem é justíssima e a opção plástica e estética mais interessante do que uma obra qualquer realizada por um artista local, quase sempre de duvidosa qualidade artística, como se observam numerosos exemplos por Portugal.

Braga foi a capital dos reinos dos suevos, nos séculos V e VI, e um dos mais célebres arcebispos de Braga foi São Martinho de Dume (c. 520-579), conhecido pela sua ação pastoral e por ter retirado da língua portuguesa a designação dos deuses pagãos aos dias da semana<sup>3</sup> (ARQUIDIOCESE DE BRAGA - PADROEIROS).

Depois da Braga Romana, surgiu a Braga Cristã e Católica, ainda hoje é conhecida em Portugal como “A cidade dos arcebispos” e a “Roma Portuguesa”. Com o estatuto de uma das cidades portuguesas mais antigas, ostenta um riquíssimo património histórico e artístico, da Antiguidade até, principalmente, ao século XVIII. Pela presença admirável do estilo barroco, na sua arquitetura, escultura, pintura, talha e azulejo, Braga assume também o justo epíteto de “Capital do Barroco”. Quando se alude a Braga, recordamos, quase imediatamente, a sua vetusta sé catedral<sup>4</sup>, do século XI, com obras do Românico ao Barroco (ARQUIDIOCESE DE BRAGA - SÉ CATEDRAL DE BRAGA) e o célebre santuário do Bom Jesus do Monte, que influenciou outros no Brasil. Em virtude de a sé de Braga ser tão antiga, ainda hoje se diz em Portugal: “Ser mais velho que a sé de Braga.”

A história e a essência de Braga confundem-se, até hoje, com o seu arquiépiscopado e com a ação dos seus prelados. O seu arcebispo ostenta o título honorífico de “Primaz das Espanhas”, pois na cidade foi a sede da mais antiga diocese da Península Ibérica, desde o século III (ALMEIDA, 1967, p. 62-63; ARQUIDIOCESE DE BRAGA - ARQUIDIOCESE DE BRAGA). Ao longo da sua história, Braga teve inúmeras disputas com Compostela, cidade onde estava o corpo do apóstolo Santiago, e com Toledo, relativamente à primazia sobre as demais metrópoles da Península Ibérica. Os arcebispos de Braga continuaram a utilizar, como os de Toledo, o título de primaz das Espanhas<sup>5</sup> (ALMEIDA, 1967, p. 87-89). Do tempo das perseguições aos cristãos, ficaram os martírios dos santos bracarenses, em 305 ou 306, de S. Vítor, ainda catecúmeno, e de sua irmã, Santa Susana, São Cucufate, São Silvestre e São Torcato, cujas relíquias estiveram em Braga, na igreja de São Vítor até 1102 (FERREIRA, 1928, p. 216-217; ALMEIDA, 1967, p. 14). A propósito das relíquias destes santos bracarenses, deve ser recordado o infeliz episódio, no que se classificou como pio latrocínio, quando o arcebispo de Compostela, D. Diego Gelmirez, roubou as relíquias dos santos mais venerados de Braga<sup>6</sup> (ARQUIDIOCESE DE BRAGA - PADROEIROS).

Um outro aspeto importante da história de Braga prende-se com o facto de o arcebispo da cidade usar, desde o século XV ao XVIII, o título de “Senhor de Braga” (ARQUIDIOCESE DE BRAGA - ARQUIDIOCESE DE BRAGA). Na verdade, os arcebispos eram senhores da cidade e seus coutos, por doação de D. Afonso V, rei de Leão, bisavô de D. Teresa e por esta confirmado em 1110 (ALMEIDA, 1967, p. 282) e depois novamente assinado pelo conde D. Henrique e por D. Teresa, em 1112<sup>7</sup> (FERREIRA, 1928, p. 232-235). Esta opção visava claramente o engrandecimento da arquidiocese de Braga, preocupação constante do conde D. Henrique e do seu filho, D. Afonso Henriques, com o objetivo de esta poder comparar-se a Compostela e Toledo, pois um dos elementos da independência de Portugal seria possuir uma igreja maior, mais rica e um clero numeroso e instruído (FERREIRA, 1928, p. 235).

68

## SÃO JOÃO MARCOS

É fascinante a história, a igreja e o culto de São João Marcos, até por este último ter saído de Braga e de Portugal e ter-se deslocado para o Brasil. (Figura 1)

Este santo surge na história da igreja bracarense devido aos Cronicões, textos apócrifos inventados pelo jesuíta Jerónimo Román de la Higuera (1538-1611), com autores puramente imaginários, como Luitprando, Dextro (pseudo continuador de São Jerónimo), Máximo (pseudo continuador do pseudo-Dextro), Heleca de Saragoça e Juliano Pérez, ou autênticos, mas com escritos falsificados, como Bráulio de Saragoça (MATTOSO, 1999, p. 26; MENDES, 2016, p. 76-77). Estes textos foram divulgados em Espanha, a partir de 1594, e impressos em Saragoça, em 1619 (DUARTE, 2000, p. 144).

<sup>2</sup>A estátua de Braga é policromada, como a original, e parece ser em fibra. Recorde-se que a estátua de *Augusto de Prima Porta*, de c. 8 a.C., pertence às coleções do Vaticano e foi descoberta em 1863. A peça apresenta vestígios de policromia. A estátua é a mais conhecida e celebrada do imperador pelo gesto de Augusto e pela elaborada iconografia que ostenta a couraça.

<sup>3</sup>Fixando a segunda-feira, terça-feira, etc. em vez de lunes, martes... que se encontram em outras línguas faladas na Europa.

<sup>4</sup>A existência da sé de Braga confirma-se desde o ano de 400. (ARQUIDIOCESE DE BRAGA - SÉ CATEDRAL DE BRAGA).

<sup>5</sup>A questão da Primazia entre Braga e Toledo não foi resolvida pelo papa Honório III, em 1218, e assim permaneceu.

<sup>6</sup>Algumas destas relíquias, nomeadamente as de S. Frutuoso, foram restituídas a Braga, em 1966.

<sup>7</sup>Os condes de Portucale, D. Henrique de Borgonha (1066-1112) e D. Teresa (c. 1080-1130) foram pais do primeiro rei de Portugal, D. Afonso Henriques, ou D. Afonso I (c. 1109-1185). A importância da sé de Braga está patente no facto de o conde D. Henrique, por sua determinação, ali estar sepultado. Também o túmulo de D. Teresa está na mesma sé.

Figura 1: Vista geral da igreja de S. João Marcos, Braga, Portugal



Foto do autor, Eduardo Duarte, 2015/2018.

O arcebispo D. Rodrigo da Cunha (1626-1634), e o seu Breviário Bracarense, de 1634, parece ter introduzido o culto de São João Marcos (DUARTE, 2000, p. 144). Antes, o arcebispo D. Diogo de Sousa (1505-1532), que fundou o hospital de Braga em 1508, ordenou que se lajeasse a ermida de São Marcos<sup>8</sup>, ao lado do edifício hospitalar, e colocou num arco um antigo sepulcro em jaspe branco com a cruz dos Templários (FERREIRA, 1931, p. 375; DUARTE, 2000, p. 144).

O culto em torno de São João Marcos aumentou exponencialmente pela ação do arcebispo de Braga, D. Rodrigo de Moura Teles (1704-1728), com a trasladação, de 24 a 29 de abril de 1718, para um novo túmulo, atualmente no interior da igreja.<sup>9</sup> Como seria expectável, São João Marcos continuou com o seu nome inscrito no novo Breviário Bracarense de 1724 (DUARTE, 2000, p. 145).

D. Jerónimo Contador de Argote (1676-1749), clérigo da Ordem dos Clérigos Regulares, Teatinos ou Ordem de São Caetano, e membro ativo da Academia Real da História Portuguesa (1720-1776) colocou algumas dúvidas em relação aos vários santos subitamente descobertos em Braga e manifestou as suas reservas. Todavia, numa carta de 6 de março de 1721, D. Rodrigo de Moura Teles escreveu: “e só nos ocorre pôr na lembrança de Vossa Paternidade Reverenda, que, depois que estamos n’esta Diocese, procuramos, quanto em nós foi, desenterrar os Santos, e não sepultá-los” (DUARTE, 2000, p. 145).

Tantos foram os milagres e as curas atribuídos a São João Marcos que o campo, diante da igreja do hospital, se passou a chamar dos Remédios (DUARTE, 2000, p. 146).

Em torno da presença das relíquias de São João Marcos em Braga, existiram algumas polémicas entre Portugal e Espanha, consequências do contexto da Guerra da Restauração (1640-1668), com autores espanhóis a negarem veementemente a identificação e a presença do corpo do santo na urbe bracarense (DUARTE, 2000, p. 146-147).

<sup>8</sup> O hospital de Braga fundado por D. Diogo de Sousa em 1508 era ao lado da ermida de S. Marcos (naturalmente o Evangelista) de onde retirou o seu nome (hospital de S. Marcos); a súbita descoberta das relíquias de S. João Marcos e a coincidência do segundo nome devem ter explicado e sustentado a tese de o santo ser discípulo de Cristo, personagem dos *Atos dos Apóstolos* e não o Evangelista, cujo corpo está em Veneza.

<sup>9</sup> A Santa Casa da Misericórdia de Braga, a que pertence a igreja de S. João Marcos, a Câmara Municipal de Braga e a União de Freguesias de S. José, de S. Lázaro e S. João do Souto, organizaram as *Comemorações dos 300 anos da Trasladação das Relíquias de S. João Marcos*, nos dias 21 e 25 de abril de 2018: no dia 21, com o colóquio *A Devoção da S. João Marcos*, lançamento do livro *Património e Devoção* e a apresentação de *Vésperas de São João Marcos*, pelo Grupo Vocal Ançãble, Dir. Pedro de Miranda; e, no dia 25, celebrou-se a Eucaristia Solene em honra de São João Marcos, na igreja do mesmo santo.

Recorde-se que São João Marcos, conjuntamente com São Vítor, São Cucufate, São Silvestre e Santa Susana, mártires bracarense, é dos mais extraordinários e importantes santos sepultados na cidade.

Numa breve síntese e seguindo as fontes da época (CARDOSO, 1657, p. 730-732, 737-738; MASCARENHAS, 1718; FARIA, 1721; ARANHA, 1761), São João Marcos ou São Marcos João, e não São Marcos (Evangelista), nasceu na Judeia, talvez na Betânia ou em Jerusalém, sendo filho de Simão Leproso e de Maria. Os pais de São João Marcos eram donos de casas que acolheram várias vezes Cristo e, mais importante, do Cenáculo (local da Última Ceia) e onde se deu o Pentecostes, segundo certos autores. São João Marcos era primo de São Barnabé, um dos últimos discípulos de Cristo, companheiro e amigo de São Pedro e São Paulo. Um dos mais impressionantes factos relacionados com São João Marcos são as referências que lhe são feitas nos *Atos dos Apóstolos* (12,12; 12,25; 15,37) e em *Colossenses* 4,10 e *Filémon* 1,24, como Marcos, primo de São Barnabé.

Ainda segundo a hagiografia dos séculos XVII e XVIII, São João Marcos foi bispo da cidade italiana de Atina, e martirizado, por não querer orar a “simulacros do demonio, mas sómente a Jesus Christo, Deos, e Homem verdadeiro” (ARANHA, 1761, p. 328). Durante sete dias, o santo esteve na prisão privado de alimento, porém, consolado por anjos, sobreviveu; foi martirizado com dois cravos na cabeça e, posteriormente, decapitado, decorria o ano de 96. O seu corpo esteve esquecido até que surgiu em visões a um sacerdote, que, por lhe ter consagrado culto, obrou inúmeros milagres na Campânia, Itália.

Todas estas questões relativas a São João Marcos levaram frei Francisco de Santa Maria, da Ordem de Santo Agostinho, do convento de Nossa Senhora da Graça em Évora, e lente de Prima de Teologia, a escrever um texto que ficou manuscrito, datado de 1718, no qual defendeu que o santo bispo de Atina tinha sido martirizado em 63, os ossos achados em 1046 e venerados nessa cidade italiana. Todavia, frei Francisco de Santa Maria não negou a presença de um corpo santo em Braga, responsável por tantos milagres e maravilhas, advogando que as relíquias existentes nessa cidade pertenciam a um outro São João Marcos, bispo de Biblos ou Bibliópolis, na Fenícia, que haviam sido transportado para Braga por D. Gualdim Pais (1118-1195), grão-mestre da Ordem dos Templários, quando esteve no Oriente nas Cruzadas, assim se explicando a presença de uma cruz no túmulo medieval (DUARTE, 2000, p. 147).

Pensamos que toda estas polémicas e hipóteses históricas acerca da vinda do corpo São João Marcos para Braga eram, em grande parte, sustentadas, precisamente, através da cruz templária do sepulcro, tendo sido trazido, com toda a certeza, por estes frades cavaleiros medievais. Com os milagres que aí ocorreram teria sido necessário, portanto, identificar as relíquias, obviamente envoltas na maior santidade e antiguidade. Segundo Cardoso (1657, p. 730), a festa religiosa de São João Marcos era a 27 de abril e a de São Marcos (Evangelista) a 25 de abril do mesmo mês, havendo assim uma curiosa aproximação das datas e dos nomes dos dois santos<sup>10</sup> (DUARTE, 2015, p. 92).

### ICONOGRAFIA DE SÃO JOÃO MARCOS

A iconografia de São João Marcos é a normal de um santo mártir que foi bispo. Deste modo, quer na escultura, quer na pintura e gravura, o bispo de Atina é representado com as suas vestes eclesiásticas e mitra de prelado. Uma das características da iconografia é a presença da cor vermelha na indumentária, própria dos mártires, por ser a cor do sangue. O vermelho é a cor simbólica do martírio cristão, mas também o sangue é o símbolo da vida cristã e da redenção do homem pelo derramamento do sangue de Cristo na cruz anunciada na Última Ceia (HALL, 1991, p. 49). De acordo com a sua hagiografia, São João Marcos sustenta o báculo de bispo e ainda dois cravos, instrumentos do seu martírio.

Curiosamente, e como se sabe, estes elementos do martírio são importantíssimos no Cristianismo, porquanto foram também instrumentos da paixão e morte de Jesus Cristo (não dois, mas três), pelo que os tornava ainda mais sagrados.

Numa escultura, em madeira, datável do século XVIII, existente na coleção do Centro Interpretativo das Memórias da Misericórdia de Braga, Palácio do Raio, em Braga, São João Marcos segura, além dos dois cravos e do báculo, um livro por ter sido um dos discípulos de Cristo e estar presente no *Novo Testamento*, mais concretamente nos *Atos dos Apóstolos*.

Apesar da fama que São João Marcos granjeou em Braga, sobretudo no século XVIII, são relativamente escassas as suas representações, sendo em maior número, como seria de esperar, na igreja a si dedicada<sup>11</sup>. Nesse templo, existe uma escultura em madeira, atualmente no retábulo da capela-mor, na qual surge com as vestes e mitra douradas, ostentando o báculo na mão esquerda e segurando os dois cravos na mão direita<sup>12</sup>. (Figura 2 e 3)

<sup>10</sup> Ainda hoje em Braga é comum as pessoas referirem-se à igreja e ao hospital como de São Marcos e não de São João Marcos, que, de acordo com a tradição, era personagem absolutamente distinto do Evangelista.

<sup>11</sup> Temos notícia de uma gravura a buril de Manuel da Silva Godinho (1751?-1809?) com o título de *São João Marcos do Hospital de Braga*, c. 1770-1809, 16,5x12 cm, na Iconografia da Biblioteca Nacional de Portugal, R.S. 1154 e de uma outra gravura de São João Marcos do Hospital de Braga, datada de 1837, 16,4x10,1 cm, no Centro Interpretativo das Memórias da Misericórdia de Braga, Palácio do Raio, Braga.

<sup>12</sup> A escultura deve datar do século XVIII. Os dois cravos na mão direita parecem ter desaparecido, pois não se observam na atualidade. Todavia, esta escultura é de São João Marcos, segundo a legenda que ostenta na sua base em madeira marmoreada. Uma outra característica desta escultura é a ausência da cor vermelha, sendo as vestes e a mitra, como referimos, douradas.



Figura 2: Interior da igreja de S. João Marcos.



Figura 3: Capela-mor da igreja de S. João Marcos, com a iconografia do santo



Fotos do autor, Eduardo Duarte, 2015/2018.

Na mesma igreja de São João Marcos, observam-se igualmente três pinturas nos retábulos, datáveis, muito provavelmente, de inícios do século XIX<sup>13</sup>. No da capela-mor, o santo-bispo surge dentro de uma igreja, com casula vermelha e pálio<sup>14</sup> e três querubins sobre si do lado esquerdo. O mártir olha para o alto e a mão direita está para cima, como que a receber as bênçãos de Deus. O braço e a mão esquerda seguram o báculo e um prato com três cravos, símbolos do seu martírio<sup>15</sup>. (Figura 3)

Nas duas telas dos retábulos do transepto, uma delas revela o santo, no interior da prisão, a ser alimentado por dois anjos. São João Marcos ostenta roquete e, na zona do pescoço, observa-se um tecido vermelho, por baixo, anunciador do iminente martírio. No cárcere, milagrosamente, está com as mãos livres para receber o alimento dos anjos, pois as algemas estão caídas no pavimento. [Figura 4]. A outra pintura apresenta São João Marcos, de joelhos e com um pluvial vermelho, prestes a ser martirizado e rodeado por dois algozes que se preparam para pregar na cabeça do santo os dois cravos e ainda os respetivos martelos, enquanto o terceiro carrasco, desembainhando a espada, se prepara para o decapitar. (Figura 5). Apesar da manifesta ingenuidade destas duas pinturas, do ponto de vista pictórico, compositivo e anatómico, elas impressionam sobretudo pelo imenso realismo da hagiografia e martírio de São João Marcos, sendo uma fiel ilustração da vida e morte do santo, de acordo com os autores dos séculos XVII e XVIII<sup>16</sup>. Nos dois frontais de altar destes retábulos, que ostentam as últimas pinturas descritas, observa-se a heráldica ou divisa do santo composta pela mitra ao centro, estando por baixo, a cruzarem-se, o báculo e os dois cravos<sup>17</sup>. (Figura 6)

No exterior da igreja de São João Marcos, está presente a estátua em pedra do santo, muito estática, no interior de um nicho ao centro do edifício, por baixo do frontão triangular, com os atributos normais de bispo segurando, com a mão esquerda, o báculo e a direita os dois cravos do martírio<sup>18</sup>. (Figura 7)

<sup>13</sup> No retábulo do altar-mor e nos dois retábulos da zona do transepto.

<sup>14</sup> O pálio é uma fita em forma de colar à volta do pescoço e que se estende na vertical, ao centro do peito e, da mesma maneira, ao longo das costas. Nos dias de hoje, o pálio geralmente decorado com cruzes é usado pelos arcebispos, cardeais e papa (TAVARES, 1990, p. 159). Apesar de São João Marcos ter sido bispo, ostenta um pálio à maneira dos arcebispos, por exemplo, de Braga, o que não deixa de ser curioso e bastante bracarense, como se o santo tivesse sido arcebispo da cidade.

<sup>15</sup> O pintor parece ter-se esquecido que, segundo a tradição hagiográfica, S. João Marcos foi martirizado com dois cravos na cabeça e não três como aqui representa. Como se sabe, os três cravos estão ligados à crucificação de Jesus Cristo.

<sup>16</sup> A pintura da capela-mor, que deve ser posterior, revela maior qualidade pictórica.

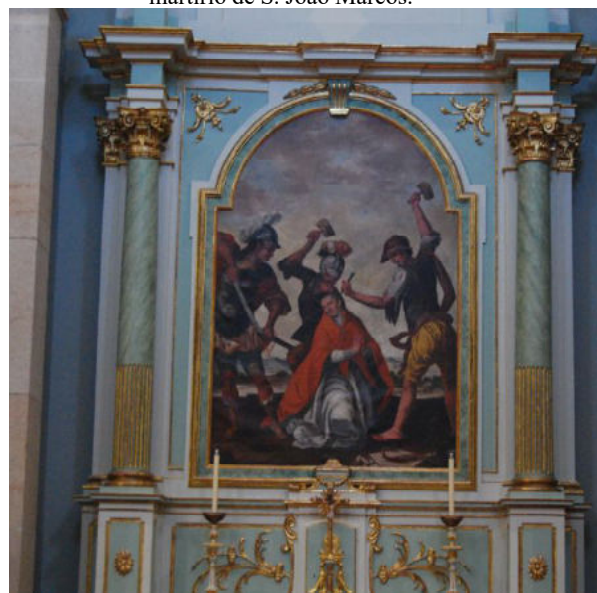
<sup>17</sup> Este símbolo heráldico é em madeira dourada e em alto-relevo, sobre madeira pintada de azul-claro.

<sup>18</sup> A escultura deverá ser de finais do século XVIII ou inícios do XIX. O báculo e os cravos são em metal. Atualmente, estes últimos estão virados para baixo, todavia, originalmente, deveriam estar para cima.

Figura 4: Pintura de um dos retábulos no transepto, prisão de S. João Marcos.



Figura 5: Pintura de um dos retábulos no transepto, martírio de S. João Marcos.



Fotos do autor, Eduardo Duarte, 2015 /2018.

É simultaneamente fascinante e surpreendente encontrarmos o culto de São João Marcos e duas esculturas deste mártir no Brasil (BONADIO; CAVALCANTE; MOURA, 2020). As peças em madeira do santo, da igreja de Nossa Senhora da Conceição, em Raposos, Minas Gerais e da capela de São João Marcos na Serra do Piloto, distrito da Mangaratiba, Rio de Janeiro, estão dentro da iconografia habitual do santo: vestes de bispo, mitra e báculo, com a predominante cor vermelha que remete para o martírio.

72

Se a peça de Minas Gerais é mais estática e tem a particularidade de ter um relicário incrustado no peito, sintetizando a relação próxima entre as relíquias e as imagens que se desenvolveram no Concílio de Trento (1545-1563)<sup>19</sup>, parece evidente que a imagem ostentava na mão esquerda o báculo e na direita os dois cravos (BONADIO; CAVALCANTE; MOURA, 2020, p. 85-86). Ao invés, a peça do santo da capela de S. João Marcos da Serra do Piloto, distrito de Mangaratiba,

Figura 6: Frontal de altar do retábulo no transepto, com a iconografia de S. João Marcos.



Figura 7: Estátua de S. João Marcos, dentro de um nicho, no exterior da igreja.



Fotos do autor, Eduardo Duarte, 2015/2018.

<sup>19</sup> Na célebre XXV sessão do Concílio de Trento, em 3 e 4 de dezembro de 1563, tratou-se, entre outros assuntos, *Da invocação, veneração, e Relíquias dos Santos, e das Sagradas Imagens*. Somente pelo título percebemos a relação próxima entre as relíquias e as imagens.



Rio de Janeiro, é mais movimentada e dinâmica nos gestos, por isso, mais barroca e talvez de finais do século XVIII, próxima da estética e plástica rococó (BONADIO; CAVALCANTE; MOURA, 2020, p. 87). É igualmente interessante a comparação entre estas duas imagens do Brasil e a peça que se encontra na coleção do Centro Interpretativo das Memórias da Misericórdia de Braga, Palácio do Raio, em Braga, ostentando esta última escultura vestes mais trabalhadas, devido aos relevos dos tecidos e a incrustação de pedraria. Esta escultura apresenta, como já referimos, um livro na mão direita que segura também o báculo. Uma característica comum a estas três peças é o facto de os pluviais serem vermelhos, entre outros elementos das vestes litúrgicas, que remetem para a iconografia do seu martírio.

No contexto do seu culto, é fascinante a existência do município de São João Marcos, localizado no Rio de Janeiro. O português João Machado Pereira, bracarense e devoto do santo, ergueu a capela de São João Marcos na sua sesmaria, tendo mais tarde, em 1801, a capela sido transformada em igreja matriz. A pequena cidade foi demolida na década de 1940 e com ela a igreja e as imagens dispersas, assim como a população que foi recolocada na região (BONADIO; CAVALCANTE; MOURA, 2020, p. 88-89). Se a cidade de São João Marcos não tivesse desaparecido, teríamos hoje, quem sabe, uma grande urbe que evocava o santo de Braga, tendo, naturalmente, projetado o seu nome, que, nos dias de hoje, permanece obscuro e muitas vezes confundido com São Marcos, Evangelista.

Atualmente, existem no Brasil duas capelas com o orago de São João Marcos, ambas no estado do Rio de Janeiro (BONADIO; CAVALCANTE; MOURA, 2020, p. 90)<sup>20</sup>. Este culto, apesar de limitado, perpetua o santo a mais de 7000 quilómetros de Braga, tendo sido levado para o Brasil por bracarense e minotos seus devotos, significando que nunca as distâncias fazem esquecer as tradições e devoções mais profundas.

### TÚMULO DE SÃO JOÃO MARCOS

No contexto do culto e das suas relíquias, assume especial relevância o túmulo de São João Marcos (DUARTE, 2018). (Figura 8)

Recorde-se que, na época da cerimónia da trasladação dos despojos do santo para a atual arca tumular, existiram inúmeros milagres e graças, sendo, de alguma maneira, o túmulo a materialização e um agradecimento pelas maravilhas produzidas pela sua evocação, como é amplamente narrado no livro de Faria (1721)<sup>21</sup>.

73

Figura 8: Túmulo de S. João Marcos.



Foto do autor, Eduardo Duarte, 2015/2018.

<sup>20</sup> Uma das capelas dedicadas a São João Marcos é na comunidade de Macundu, data da década de 1980, que pertence à paróquia de Rio Claro, no Rio de Janeiro e outra encontra-se na comunidade da Serra do Piloto, construída na década de 1970, pertencente à paróquia de Mangaratiba, no mesmo estado do Rio de Janeiro. A primeira capela tem uma escultura em gesso do santo, do século XX e a segunda, a referida peça em madeira.

<sup>21</sup> Ainda há algum tempo chegavam à Santa Casa da Misericórdia de Braga, a que pertence a igreja de São João Marcos, pedidos para colocar pessoas doentes dentro do túmulo medieval do santo, atualmente vazio e debaixo de um arco no lado do Evangelho da capela-mor do templo, estando o atual túmulo barroco no lado da Epístola.

Como referido, o antigo sepulcro era medieval com a cruz dos Templários, todavia, para a célebre trasladação de 1718, o arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles encomendou o atual em pedra. Este foi realizado na técnica dos embutidos em mármore (ou embutidos em pedraria policroma), designada, por vezes, como “técnica florentina”, com presença na arquitetura em Portugal, na segunda metade do século XVII e na primeira parte do séc. XVIII, mais concretamente em retábulos, frontais de altares, painéis de capelas, pavimentos, púlpitos, acrotérios, lavabos e túmulos. Consideramos a obra portuguesa e com evidentes semelhanças com o túmulo da Princesa Santa Joana, no convento de Jesus, em Aveiro (c. 1697-1711), desenhado pelo arquiteto João Antunes (1643-1712), um dos introdutores do estilo barroco em Portugal (DUARTE, 2018, p. 147).

Em Braga e do norte do país, zona de granito, o túmulo foi descrito no século XVIII e XIX como feito em jaspe branco, com obra de mosaico de mármore de cores e realizado em Roma, o que conferia à peça um enorme prestígio (DUARTE, 2000, p. 146; DUARTE, 2018, p. 152), mas, pela técnica empregue, semelhanças formais e pedras utilizadas<sup>22</sup>, deverá ter sido realizado em Lisboa (DUARTE, 2018, p. 153).

O sepulcro no qual se encontram as relíquias de São João Marcos é em forma de arca e a sua forma deriva da Antiguidade, sendo habitual a partir do Renascimento, com pirâmide superior (elemento funerário, por excelência, desde as Pirâmides do Egito ao Mausoléu de Halicarnasso, encimado também por uma enorme pirâmide). Em termos iconográficos, a arca tumular é a representação simbólica de um edifício e de um templo, com pirâmide, que remete, evidentemente, para um telhado, quase sempre de duas águas.

O túmulo é suportado por quatro patas de leão, uma solução plástica recorrente que vinha, uma vez mais, da Antiguidade, mas, no caso concreto, poderá ser uma evocação talvez de São Marcos, Evangelista, que tinha como símbolo o leão. Existiu todo o rigor iconográfico na simbologia e cores do sepulcro. Na sua zona central, surge o símbolo do santo, à maneira de um verdadeiro elemento heráldico: ao centro, a mitra, como bispo de Atina, vermelha, ladeada por dois cravos, um de cada lado, instrumentos do martírio e, por baixo, uma coroa que se afigura de conde, uma representação devida talvez ao facto de D. Rodrigo de Moura Teles ser da casa dos condes de Vale de Reis. A cor de fundo que domina é o vermelho do martírio, neste caso conseguido com brecha da Arrábida.

Em redor deste símbolo, está uma cartela com vários enrolamentos, tendo por baixo uma concha. Este elemento, fundamental na estética rococó, em termos iconográficos era associado a Vénus, Neptuno e a outras divindades marinhas, mas, no Cristianismo, relacionava-se com o apóstolo Santiago, sepultado em Compostela, sendo, a partir do Renascimento, um símbolo dos peregrinos e até atributo da rocha (HALL, 1991, p. 280). A concha, no caso concreto do túmulo de São João Marcos, poderá ser somente um remate compositivo, mas é possível a associação às peregrinações ao túmulo e às relíquias santas do bispo de Atina, cujos despojos se acreditava estarem em Braga.

Observam-se ainda no meio das pilastras do túmulo festões de doze flores, seis de cada lado, talvez uma alusão aos doze apóstolos, próximos do discípulo São João Marcos, que tinha como progenitores os proprietários do Cenáculo. Da mesma forma, em cada lado das pilastras existem doze elementos decorativos em forma de losango e ainda sete flores de cada lado que podem remeter, possivelmente, para a soma das três Virtudes Teologias (Fé, Esperança e Caridade) e das Cardeais (Justiça, Temperança, Fortaleza e Prudência) ou ser, mais uma vez, uma composição escultórica. Da mesma forma, nas pilastras laterais, podem contar-se ainda oito flores vermelhas, quatro de cada lado, sendo este número no Cristianismo símbolo da conclusão, completude e, mais importante, da ressurreição, transfiguração e anúncio da futura vida eterna. Neste caso, a ressurreição não é apenas a de Cristo, mas de todos os homens e, evidentemente, também dos santos. Se o sete é sobretudo o número do *Antigo Testamento*, o oito corresponde ao *Novo Testamento* (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1994, p. 484), no qual São João Marcos é personagem ativa.

A ladear o símbolo de São João Marcos, observam-se dois grandes enrolamentos de acanto e diversas plantas que, apesar da estilização gráfica, podem ser identificadas como açucenas e lírios. O acanto tem uma longa tradição na arquitetura, pois faz parte dos capitéis coríntios e compostos, de acordo com a história contada por Vitruvius. Esta planta, como tudo o que tem espinhos, simboliza a terra virgem, a virgindade e significa triunfo; aquele que estiver adornado com folhas de acanto significa que a provação foi vencida e transforma-se em glória (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1994, p. 38). Esta última iconografia sintetiza paradigmaticamente a vida de São João Marcos: a sua santidade e virgindade, triunfo e glória após o martírio. O acanto simboliza ainda a Vida Eterna e as suas folhas espinhosas representam dor e pecado, mas a sua cor, sempre verde, significa a superação destes sentimentos (MONTEIRO, MESQUITA e GONÇALVES, 2020, p. 170).

Em relação às açucenas e lírios, as primeiras simbolizam a pureza e a castidade, estando associadas à Virgem Maria, enquanto os segundos representam a pureza, a renovação e, sendo flores da primavera, estão associados ao renascimento e à ressurreição (MONTEIRO, MESQUITA e GONÇALVES, 2020, p. 38 e 166), sendo possível, uma vez mais, detetar os atributos ligados à vida e ao martírio de São João Marcos.

<sup>22</sup> As pedras do túmulo são da região de Lisboa, Setúbal e Alentejo, mais concretamente mármore branco de Estremoz ou de Vila Viçosa, Amarelo de Negrais, Vermelho de Negrais, Mármore preto de Vila Viçosa (Ruivina) e Brecha da Arrábida.



Os remates do túmulo são em forma de pinhas estilizadas, que aludem aos pinheiros que representam simbolicamente a morte (BARREIRA, 1622, p. 263-271).

No barroco, tudo tem um significado e as plantas, flores e frutos possuem diversas polissemias e aceções retóricas, morais e religiosas. Deste modo, as flores representavam as esperanças em Deus e Cristo; os ramos, os desejos de santidade em Deus; e as folhas, as palavras, principalmente de Cristo, dos Santos Doutores e dos Padres da Igreja (BARREIRA, 1622, p. 17-26, 38-39, 45).

Deste modo, todo o túmulo, com as suas formas e cores, adquire um sentido de totalidade que explica, estrutura e amplia a iconografia de São João Marcos.

### ARQUITETURA E SIMBOLOGIA DA IGREJA DE SÃO JOÃO MARCOS

Também a arquitetura da igreja de São João Marcos encerra uma componente simbólica fundamental que sintetiza de forma absolutamente perfeita toda a hagiografia e o culto do santo. O facto de a igreja pertencer ao antigo hospital da cidade de Braga é muitíssimo relevante em termos simbólicos. (Figura 1)

Como já escrevemos (DUARTE, 2000, p. 159-164; 2015), consideramos que a fachada convexa e a cúpula da igreja de São João Marcos, projetada e construída pelo arquiteto bracarense e engenheiro militar Carlos Amarante (1748-1815), a partir de 1787<sup>23</sup>, remete para a ideia do templo-mausoléu e para a arquitetura funerária. De facto, a convexidade da igreja simula um *martyrium*, ou seja, um edifício de planta centralizada, derivado dos mausoléus romanos, e que sinalizava os mártiros dos primeiros cristãos<sup>24</sup>. Evidentemente, Braga não foi o lugar do martírio de São João Marcos, contudo o local do seu templo, no qual permanece o sepulcro, é simbólico e evocativo. Devemos ter em conta que a basílica de São Pedro do Vaticano não é somente um templo, mas o lugar onde o corpo de São Pedro está sepultado, sendo, por isso, o mausoléu e a apoteose simbólica do primeiro papa (FAGIOLLO, 1994, p. 34). A utilização de cúpulas nas igrejas era, muitas vezes, sinónimo de arquitetura funerária, isto é, de um edifício que continha no seu interior o corpo de algum mártir, santo ou personagem relevante. Significativamente, os grandes mausoléus dos imperadores Augusto e Adriano, em Roma, recordam imensas cúpulas, que, na origem, estavam cobertas por ciprestes e esculturas.

Voltando à igreja de São João Marcos, observa-se que as duas torres sineiras e a cúpula, sobre o corpo da igreja, desenhadas por Carlos Amarante, constituem uma unidade de três elementos com evidentes e significativas analogias trinitárias e que recordam, de certa maneira, a composição imaginada no Renascimento, do mausoléu de Adriano, perto do lugar da crucificação de São Pedro, entre a Meta Remi (Meta de Remo, conhecida por Pirâmide Céstio) e a Meta Romuli (Meta Rómulo, hoje destruída)<sup>25</sup>.

Na igreja de São João Marcos, e com alguma imaginação, a cúpula, que se projeta sobre a cidade de Braga e o campo dos Remédios, é o equivalente ao mausoléu de Adriano, e as torres, bastante verticalizadas, assemelham-se às duas metas romanas.

A existência de um apostolado, constituído por esculturas de vulto redondo, sobre a balaustrada dos corpos laterais e por cima das quatro colunas compósitas da fachada da igreja de São João Marcos, evidencia, de acordo com a hagiografia do santo, a ligação com o Cenáculo e as relações que o santo teve com esse lugar fundamental da vida de Cristo e da instituição da Eucaristia. Sobre essas colunas estão Santo André, São Pedro, São Paulo e São Tiago, os quatro mais importantes discípulos de Cristo, com os respetivos atributos em metal.

Também a teoria das ordens arquitetónicas, que havia sido amplamente explicada pelo arquiteto e tratadista italiano Sebastiano Serlio (1475-c. 1554), está presente de maneira indelével na igreja de São João Marcos, pois, segundo este autor, o coríntio<sup>26</sup> deveria ser dedicado à Virgem Maria, aos santos e santas, que tiveram vida virginal, a conventos de religiosas, mas igualmente utilizado em edifícios públicos, privados e a sepulcros de pessoas de vida honesta e casta. Nesta categoria, cabia, inequivocamente, o exemplo de São João Marcos e a respetiva a sepultura no campo dos Remédios (DUARTE, 2000, p. 235-239).

<sup>23</sup> A igreja de São João Marcos foi concluída em 1836 (DUARTE, 2000, p. 155).

<sup>24</sup> Pela fachada convexa da igreja esta parece ser ter uma planimetria centralizada, mas na verdade a sua planta é longitudinal de uma nave única, com o cruzeiro ao centro desenvolvido, com os braços do transepto e cúpula superior.

<sup>25</sup> Esta composição está representada num dos relevos da porta axial de S. Pedro do Vaticano de Antonio di Pietro Averlino, Filarete, (1400–c. 1469) a chamada Porta de Filarete, 1433-1445. (FAGIOLLO, 1994, p. 39-41). Também na pintura de Giotto (1267-1337), *Martírio de S. Pedro*, Painel do Tríptico Stefaneschi, c. 1330, 45x83 cm, têmpera sobre madeira, na Pinacoteca Vaticana, se observa a crucificação de São Pedro entre as duas metas.

<sup>26</sup> A ordem compósita, muito usada na época barroca, é a dominante na igreja de São João Marcos e confundia-se com a coríntia, no espírito e no uso (FORSSMAN, 1990, p. 83).

A composição da igreja de São João Marcos, ao centro e à frente do antigo edifício hospitalar de Braga, é nitidamente de feição barroca, ao invés do seu contemporâneo hospital de Santo António, na cidade do Porto, de arquitetura anglo-palladiana, cuja igreja, nunca construída, estava projetada no centro do imenso quadrado do edifício hospitalar, mas completamente oculta por este<sup>27</sup>.

## CONCLUSÕES

A hagiografia, o culto e a iconografia de São João Marcos são bastante coerentes, completos e sistemáticos. A vida do santo foi definida e disseminada por uma série de publicações hagiográficas relevantes dos séculos XVII e XVIII, porém o seu culto desenvolveu-se exponencialmente graças às dezenas de milagres, sobretudo durante a prelatura do arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles.

Era igualmente significativa e fascinante a coincidência entre São João Marcos, os milagres que aconteciam por sua intercessão, o templo com o seu orago e o edifício hospitalar.

Também a iconografia do santo permaneceu inalterável na gravura, pintura, escultura e no seu túmulo: vestes de prelado, habitualmente de cor vermelha, cor por excelência do martírio cristão, mitra, báculo e os dois cravos, os instrumentos do seu martírio. Consideramos que, apesar de ter conhecido uma certa difusão no século XVIII e inícios do XIX, o culto do santo afigura-se essencialmente como um fenómeno bracarense, sendo, por isso, escassas as representações deste santo.

A igreja de São João Marcos, no centro do edifício do hospital da cidade de Braga, reveste-se de grande simbolismo e iconograficamente materializa a ideia de um templo-mausoléu. Neste sentido, o túmulo do santo mártir e bispo de Atina, mais do que uma peça de escultura em forma de arca ricamente trabalhada, com embutidos em pedra, assume-se como um verdadeiro relicário urbano, um templo que contém os restos do santo, que, por sua vez, está no interior da igreja.

Pela devoção de bracarense e de minhotos, o culto de São João Marcos atravessou o Atlântico e foi difundido no Brasil. Hoje, encontramos em solo brasileiro algumas esculturas do santo, poucas capelas a si dedicadas e, principalmente, a história de uma cidade com o seu nome que, devido ao progresso e às exigências das obras da engenharia hidráulica, foi abandonada. Uma grande cidade no Brasil com o nome de São João Marcos, teria tido, como consequência inevitável, o santo ser mais conhecido e estudado.

Recorde-se que, de acordo com a hagiografia referida, São João Marcos não era somente mais um antigo mártir cristão em Braga, cujas relíquias realizaram inúmeros milagres e remédios. A extrema importância do santo advém do facto de aparecer referido nos *Atos dos Apóstolos*, ter sido filho dos donos do Cenáculo e um dos últimos discípulos de Jesus Cristo. O corpo, túmulo e igreja de São João Marcos concorreram para o maior prestígio de uma antiga cidade romana, depois profundamente cristã e que pretendia rivalizar com Compostela e Toledo

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fortunato de. **História da Igreja em Portugal**. Nova Edição. Porto. Portucalense Editora, 1967. vol. I.

ARANHA, Boaventura Maciel. **Cuidados da Morte**, e Descuidos da Vida, representados **na vida dos santos, e santas...** Lisboa: Na Officina de Francisco Borges de Sousa, 1761.

ARQUIDIOCESE DE BRAGA - ARQUIDIOCESE DE BRAGA. Disponível em: <https://www.diocese-braga.pt/arquidiocese/220/5914>. Acesso em: 29 ago. 2021.

ARQUIDIOCESE DE BRAGA - PADROEIROS. Disponível em: <https://www.diocese-braga.pt/arquidiocese/227>. Acesso em: 29 de ago. 2021.

ARQUIDIOCESE DE BRAGA - SÉ CATEDRAL DE BRAGA. Disponível em: <https://www.diocese-braga.pt/arquidiocese/221/5918>. Acesso em: 29 ago. 2021.

BARREIRA, Frei Isidoro de. **Tractado das Significacoens das Plantas, Flores, e Fructos** que se referem na Sagrada Escripura tiradas de divinas, & humanas letras, com suas breves considerações. Lisboa: Pedro Craesbeeck, 1622.

BONADIO, Luciana; CAVALCANTE, Giulia Alcântara; MOURA, Maria Tereza Dantas. Estudo Iconográfico sobre a Imagem de São João Marcos do Município de Raposos, Minas Gerais/Brasil. **Imagem Brasileira**, n. 10, p. 84-91, 2020.

BRAGA – HISTÓRIA E PATRIMÓNIO. Disponível em: <https://www.cm-braga.pt/pt/0101/conhecer/historia-e-patrimonio/apresentacao>. Acesso em: 29 ago. 2021.

BRAGA INAUGUROU ESTÁTUA DE CÉSAR AUGUSTO. Disponível em: <https://ominho.pt/braga-inaugurou-estatua-cesar-augusto-fundador-bracara-augusta/>. Acesso em: 29 ago. 2021.

<sup>27</sup> O arquiteto do hospital de Santo António, no Porto, foi o arquiteto inglês John Carr (1723-1807) e a construção decorreu entre 1790 e 1825. Grande parte do hospital e a igreja não foram construídas.

- CARDOSO, George. **Agiologio Lusitano** dos sanctos, e varoens illustres em virtude do reino de Portugal. Lisboa: Na Officina de Henrique Valente d'Oliveira, 1657. tomo II.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário dos Símbolos**. Tradução: Cristina Rodriguez e Artur Guerra. Lisboa: Teorema, 1994.
- DUARTE, Eduardo. **Carlos Amarante (1748-1815) e o Final do Classicismo**. Um arquitecto de Braga e do Porto. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2000.
- DUARTE, Eduardo. O Culto e a Igreja de S. João Marcos em Braga. **Misericórdia de Braga. Revista da Santa Casa da Misericórdia de Braga**, Braga, n. 11, p. 85-112, dez. 2015.
- DUARTE, Eduardo. O Túmulo de S. João Marcos em Braga. *In*: LESSA, Elisa Maria Maia da Silva; ARAÚJO, Maria Marta Lobo de (coord.) **Património e Devoção. Braga: Município de Braga / Santa Casa da Misericórdia de Braga**, 2018. p. 145-158.
- FAGIOLO, Marcello. Dal Bramante ad Antonio da Sangallo: l'idea del Tempio-Mausoleu. *In*: **San Pietro. Antonio da Sagallo, Antonio Labacco. Un progetto e un modello: storia e restauro**. Venezia: Bompiani, 1994. p. 34-42.
- FARIA, Padre Antonio de Mariz. **Peregrino Curioso**: da Vida, Morte, Trasladação, & Milagres do Gloriosissimo Senhor S. João Marcos, na Augusta Cidade de Braga, que retrata em hum dialogo. Lisboa Occidental: Officina de Antonio Pedrozo Galram, 1721.
- FERREIRA, Monsenhor J. Augusto. **Fastos Episcopais da Igreja Primacial de Braga**: (Séc. III-séc. XX). Braga: Edição da Mitra Bracarense, 1928. tomo I.
- FERREIRA, Monsenhor J. Augusto. **Fastos Episcopais da Igreja Primacial de Braga**: (Séc. III-séc. XX). Braga: Edição da Mitra Bracarense, 1931. tomo II.
- FORSSMAN, Erik. **Dório, jónio e coríntio** na arquitectura dos séculos XVI-XVIII. Lisboa: Editorial Presença, 1990.
- HALL, James. **Dictionary of Subjects and Symbols in Art**. London: John Murray, 1991.
- J. F. M. M. [MASCARENHAS, José Ferreira Monterroyo]. **Notícia da Trasladaçam** dos Ossos: do Glorioso S. Joam Marcos, Bispo de Attina, Apostolo de Celtiberia, Martyr da primitiva Igreja, hum dos 72 Discipulos de jesu Christo N. S. Lisboa Occidental: Na Officina de Pascoal da Sylva, 1718.
- MATTOSO, José. **Santos portugueses de origem desconhecida**. 1999. Disponível em: [https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/4434/1/Santos\\_portugueses\\_origem\\_desconhecida\\_Piedade\\_popular\\_Portugal\\_1998.pdf](https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/4434/1/Santos_portugueses_origem_desconhecida_Piedade_popular_Portugal_1998.pdf). Acesso em: 2 set. 2021.
- MENDES, Paula Almeida. Memória e Identidade na construção da “santidade territorial” portuguesa e espanhola na época moderna. *In* **Via Spiritus: Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso**, vol. 23, p. 69-94, 2016. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/vsp/article/view/2944>. Acesso em: 2 set. 2021.
- MONTEIRO, Gisela; MESQUITA, Sandra; GONÇALVES, Sara. **Flores de Pedra. Flowers of Stone**. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, Direção Municipal de Ambiente Estrutura Verde, Clima e Energia, Divisão de Gestão Cemiterial, 2020.
- TAVARES, Jorge Campos. **Dicionário de Santos**: hagiológico, iconográfico, de atributos, de artes e profissões, de padroados, de compositores, de música religiosa. 2 ed. Porto: Lello & Irmãos – Editores, 1990.